

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: VR-HT-MA-013

Entrevistado: José Benigno de Souza

Local da entrevista: Estação Ferroviária de Mariana / Vagão Oficina de Vídeo e Sala de Histórias

Data da entrevista: 16/01/2007

Horário da entrevista: 15h35min

Duração da entrevista: 53min37seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Josanne Guerra Simões (Keka Simões), Eder Donizete de Melo (monitor). **Intervenção:** Jason Barroso Santa Rosa

Gravação da entrevista:

Coordenação: Bellini Andrade (EMVIDEO)

Produção: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Rafael Almeida Santos (monitor)

Equipamento utilizado: Câmera digital MiniDV

Transcrição: Eder Donizete de Melo

Data da transcrição: 04/03/2007

Conferência de fidelidade: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Data da conferência: 11/03/2007

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg, Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

Keka Simões – O senhor poderia nos dizer seu nome completo?

José de Souza – José Benigno de Souza.

Keka Simões – O senhor tem algum apelido?

José de Souza – Zezito.

Keka Simões – Como o senhor prefere ser chamado?

José de Souza – Sou marianense e o nome mais conhecido é Zezito, apelido.

Keka Simões – O senhor nasceu em Mariana?

José de Souza – Nascido e criado.

Keka Simões – Qual a data de nascimento do senhor?

José de Souza – Vinte e oito de junho de 1934.

Keka Simões – Como se chamavam seus pais?

José de Souza – Avelino Caetano de Souza, falecido, e Maria Joana dos Santos, falecida.

Keka Simões – Em que eles trabalhavam?

José de Souza – O meu pai era carpinteiro da Companhia Minas da Passagem¹.

Keka Simões – É sua mãe?

José de Souza – Doméstica.

Keka Simões – Então, seu pai era carpinteiro, em Passagem². Mas ele morava em Mariana?

José de Souza – Mariana.

Keka Simões – Na infância, onde o senhor morava, em Mariana?

José de Souza – Na Rua da Olaria. Hoje é Rua Conde da Conceição. E acabei de ser criado... O nome antigo era Rua Nova, hoje é Rua Dom Silvério.

Keka Simões – Então, nós moramos na mesma rua! Eu moro lá. [riso]

José de Souza – Ah, é?

Keka Simões – É. O senhor tem ou teve irmãos?

José de Souza – Nove irmãos.

Keka Simões – Em que eles trabalhavam ou trabalham?

¹ Companhia Minas da Passagem, mineração de ouro localizada em Passagem de Mariana, distrito de Mariana.

² Passagem de Mariana.

José de Souza – A maioria é aposentada, sendo: enfermeira em Belo Horizonte³; advogado em Ipatinga⁴, que trabalhou na Usiminas⁵; outro é carpinteiro aposentado; outro, mais novo, se chama João Vicente de Souza e é diretor do [inaudível], me parece. E as outras irmãs, já aposentadas, trabalhavam na Fábrica de Tecidos⁶.

Keka Simões – Ah, elas trabalhavam na Fábrica?

José de Souza – Na Fábrica de Tecidos. Todos marianenses, mesmo.

Keka Simões – Quando o senhor foi trabalhar na ferrovia?

José de Souza – Em 1960.

Keka Simões – Antes, o senhor já tinha trabalhado em algum outro local?

José de Souza – Eu andei trabalhando, durante oito meses, na antiga ALCAN⁷. Hoje já mudou o nome. Era Eletroquímica⁸. Mas foi só por seis meses. Depois entrei para a ferrovia.

Keka Simões – Por que o senhor foi trabalhar na ferrovia?

José de Souza – Fui convidado, na ocasião, e achei melhor trabalhar na ferrovia. Antigamente, era Central do Brasil⁹.

Keka Simões – Quem convidou o senhor?

José de Souza – Foi um senhor de Ouro Preto. Ele era mestre de eletricidade. Chamava-se Antônio Alves Ferreira, já falecido.

Keka Simões – Onde o senhor começou a trabalhar? Aqui, em Mariana?

José de Souza – Ouro Preto, Mariana, no trecho.

Keka Simões – No trecho.

José de Souza – Até Sabará¹⁰, voltando depois para aqui.

Keka Simões – Quais cargos o senhor ocupou na ferrovia?

José de Souza – Quando eu entrei, eu entrei como guarda-fio. Depois, trabalhava com a turma volante fazendo o serviço de posteação. Depois, comecei a trabalhar em Ouro Preto, junto com o contramestre: carregamento

³ Capital de Minas Gerais.

⁴ Município de Minas Gerais.

⁵ Sistema Usiminas, siderúrgica que produz e comercializa aços plenos.

⁶ Fábrica de Tecidos São José, localizada em Mariana.

⁷ A ALCAN era uma fábrica de alumínio localizada em Ouro Preto. Atualmente, chama-se Novelis do Brasil Ltda.

⁸ Elquisa, fábrica de alumínio fundada nos anos 1940, por Américo René Giannetti, posteriormente vendida a ALCAN, que então se instala em Ouro Preto.

⁹ Estrada de Ferro Central do Brasil.

¹⁰ Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha do Centro, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

de bateria para aparelho telegráfico. Então de lá, eu segui a carreira. Eu fiz o curso e me deram... Eu passei para artífice 1. De artífice 1 fui para artífice 2. Depois me deram um cargo de supervisor auxiliar. Aí comecei a viajar. Nesse trecho, eu trabalhei por 13 anos. Trabalhei fora o resto e me aposentei em Três Rios¹¹.

Keka Simões – Três Rios?

José de Souza – Sendo que sou filho de Mariana e toda vida criei família aqui.

Keka Simões – O senhor podia me explicar um pouquinho o que fazia em cada uma dessas... O que era cada uma das funções que o senhor falou? O que é um guarda-fio?

José de Souza – Guarda-fio: comecei subindo em poste, atendendo linha e comunicação que trançavam. Então, eu separava aquela linha, corria o trecho onde estava o defeito.

Keka Simões – Quando trançava, usava...

José de Souza – É. Tinha posteação, não é? Aí a gente mexia só com aquilo. Depois, fui trabalhar em turma de guarda-fio, fazendo posteação do trecho todo: de Sabará até Ponte Nova¹². Aí fui melhorando de cargo.

Keka Simões – Mas sempre dentro dessa área?

José de Souza – De um setor só.

Keka Simões – Qual era o nome desse setor? Tinha um nome?

José de Souza – Setor Eletrotécnico.

Keka Simões – Aí o senhor foi até supervisor...

José de Souza – Fui a supervisor auxiliar, me aposentei em Três Rios. Mas sempre fui guarda-fio de trecho – Sabará, Burnier¹³, Itabirito¹⁴, Ouro Preto, aqui e Ponte Nova.

Keka Simões – Como os senhores descobriam onde estava o problema?

José de Souza – Ah, nós tínhamos...

Keka Simões – Na linha?

¹¹ Município do Rio de Janeiro, por onde passava um trecho da Linha de Caratinga, pertencente à antiga Estrada de Ferro Leopoldina. Possuía uma estação ferroviária.

¹² Município de Minas Gerais, onde terminava o Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

¹³ Miguel Burnier, distrito de Ouro Preto, onde iniciava o Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

¹⁴ Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha do Centro, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

José de Souza – A comunicação era duas linhas seletoras. As linhas seletoras eram controladas... Tinha controlador¹⁵, um em Belo Horizonte¹⁶ e outro em Ponte Nova. Quando era Central, era Belo Horizonte. Então, de ponto em ponto, nós tínhamos a chave da linha seletora, cortava e localizava aquele trecho de estação em estação.

Keka Simões – Aí ia ali...

José de Souza – Já sabia onde estava o defeito.

Keka Simões – À medida que o senhor foi subindo na carreira... Por exemplo, quando o senhor deixou de ser guarda-fio, o senhor passou a comandar os guarda-fios?

José de Souza – Comandava, no trecho, turma volante e os guarda-fios de trecho.

Keka Simões – O que era turma volante?

José de Souza – Turma volante mexia com posteação nos trechos...

Keka Simões – Posteação era o quê?

José de Souza – Fazendo melhoramento. Posteação era poste de ferro de trilho. Era de trilho.

Keka Simões – Ah! Então era essa turma que colocava?

José de Souza – Colocava e a gente acompanhava.

Keka Simões – Entendi. E através desses fios é que o seletivo¹⁷...

José de Souza – O seletivo era a comunicação. Hoje é telefone, mas era seletivo. Tinha a caixa seletora: fazia as chamadas, localizava e chamava. O movimento de trem corria por ali, de acordo com o controlador do trecho. E as linhas telegráficas... Eram linha 1 e linha 12: as telegráficas, de aparelho. Essa linha era o Morse¹⁸, para licenciar trem de estação em estação. Agora, pelo relé¹⁹ a gente recebia telegrama de Belo Horizonte, Ponte Nova, Ouro Preto... Então, a gente falava direto, a chave [inaudível] e falava na estação. Virava a chave e falava com quem quisesse falar.

Keka Simões – Esse é o relé?

¹⁵ Profissional responsável por controlar o tráfego dos trens no trecho.

¹⁶ Por Belo Horizonte passava um trecho da Linha do Paraopeba, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. O município possuía uma estação ferroviária.

¹⁷ Aparelho tipo “telefone” utilizado para comunicação interna da ferrovia.

¹⁸ Telégrafo Morse, primeiro aparelho que permitiu a comunicação à distância através de fios e da eletricidade. A informação pode ser transmitida desde que se adote um código previamente estabelecido, tal como o Código Morse, nome dado em homenagem a seu inventor.

¹⁹ Aparelho eletrônico para proteção e controle, que detecta a presença do trem.

José de Souza – É o relé.

Keka Simões – Falava como se fosse um rádio, um telefone?

José de Souza – Comunicação.

Keka Simões – Também Morse?

José de Souza – Morse, era Morse. A gente recebia ordem diretamente... Por exemplo, de Belo Horizonte para Mariana, falava diretamente aqui. Falava de Lafaiete²⁰ para Mariana, falava daqui para Ponte Nova, de Ponte Nova falava diretamente só para [inaudível].

Keka Simões – Nessa comunicação via telégrafo, as mensagens só eram assuntos da ferrovia?

José de Souza – Da ferrovia.

Keka Simões – Não recebiam mensagens de fora?

José de Souza – Não, não.

Jason Santa Rosa – Como se posteava?

José de Souza – A gente acompanhava o leito da linha: 40, 50 metros, de acordo com o rodo da linha. Eram 30 metros...

Keka Simões – De acordo com o...

José de Souza – Rodo da linha.

Keka Simões – Ah! Rodo...

José de Souza – Quando a linha começava a fazer a curva, vinha um poste ali. Por exemplo, no rodo punha 30 metros; linha reta punha até 40 metros. Nos rodos punha 30 por causa da coisa do [inaudível] da linha.

Keka Simões – Porque ia ter uma barreira, vamos dizer assim.

José de Souza – Isso.

Keka Simões – Com a montanha...

José de Souza – E posteação de nove metros de altura.

Keka Simões – Desculpa²¹.

José de Souza – Que isso!

Keka Simões – Como o senhor ia para esses locais? O senhor ficava andando na linha...

José de Souza – Ah, mas era só de trem mesmo!

²⁰ Conselheiro Lafaiete, município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Variante do Carandaí, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

²¹ A entrevistadora pede desculpas por ter tossido.

Keka Simões – No trem?

José de Souza – Trem, automóvel-de-linha, auto-de-linha²². Quando o trecho estava interrompido, dava uma viatura para a gente ir por fora. Mas isso era difícil. Era mais automóvel-de-linha mesmo. Quando não tinha automóvel-de-linha, a gente viajava nos trens de carga, nos trens de passageiro, dependurado em cima de máquina. Acidente pessoal, durante o tempo em que trabalhei, tive três: máquina, automóvel-de-linha. E estou aí vivo, não é? [riso]

Keka Simões – Depois o senhor vai nos contar como isso aconteceu. Qual era o horário de trabalho do senhor?

José de Souza – Ah! Eu não tinha horário, não. O primeiro trem que saía daqui para Belo Horizonte era às cinco horas. Onze horas, onze e pouco, durante o dia, chegava a Belo Horizonte. Às vezes, a gente também tinha que ir nesse trem para levar um aparelho para arrumar na oficina, na Floresta²³. A gente saía de lá à tarde e chegava aqui às 23 horas, às 11 horas da noite. Defeito de linha, quando tinha, a gente pegava o primeiro trem e ia. Por exemplo, dava um defeito, daqui para Ponte Nova: a gente ia, era trem misto ou então cargueiro. De lá para cá, quando era misto... Tinha horário que saía de lá. Por exemplo: às 13, 15 e 30, e chegava aqui às 22 horas. Mas, às vezes, caía no trecho; a gente esperava lá, vinha um socorro. Às vezes, um descarrilamento, não ia socorro; eles tentavam pôr o trem na linha. Chegava às duas horas da manhã. Mas, quando chegava às duas horas da manhã, já tinha ordem para subir no outro trem que estava subindo. Não tinha horário.

Keka Simões – E também não tinha dia de folga?

José de Souza – Tinha folga. As horas eram acumuladas para ser tiradas em folga.

Keka Simões – Não recebia como hora extra?

José de Souza – Não. A administração não aceitava isso. Mandava tirar em folga.

Keka Simões – Nesse trabalho tinha intervalo para descanso, quando estava...

José de Souza – Não... Intervalo para descanso?

Keka Simões – É. Durante o dia...

²² Veículo ferroviário autopropulsado com cabine para condução de pessoal e reboque de carroceria com braço mecânico, destinada a transporte de materiais.

²³ Até o momento, não foi possível localizar essa oficina. Floresta é um bairro de Belo Horizonte.

José de Souza – Não. Quando a gente trabalhava em turno, por exemplo, a gente tinha horário de almoço, tinha tudo, não é? Mas como [era]²⁴ assim... Por exemplo, guarda-fio sediado, como eu estive aqui por uns tempos, você não tinha hora. Às vezes, dava um defeito. A gente estava em casa, eles nos chamavam e a gente tinha que vir: “O trem vai sair para tal lugar e o defeito é lá para cima”. Tinha que sair.

Keka Simões – Quando os senhores estavam trabalhando em algum lugar fora das cidades, como era feita a alimentação? Vocês levavam?

José de Souza – A alimentação tinha que sair de casa. [riso] Em outra hora, viajava com o dinheiro no bolso. Mas não tinha onde comer; viajava no trem até onde desse. [riso] Era difícil!

Keka Simões – Não era fácil, não é? E existia algum tipo de auxílio ou benefício que a ferrovia prestava aos empregados e sua família?

José de Souza – Tinha. Para a família não. Dava para a gente um dinheiro lá. Até esqueci o que era que dava, mas já dava um dinheiro. Pouco, mas dava.

Keka Simões – Tinha assistência médica?

José de Souza – Não, isso não.

Keka Simões – O senhor se lembra de outros cargos ou funções que existiam na ferrovia?

José de Souza – Como assim?

Keka Simões – O senhor era desse setor, não é? Quais os outros setores?

José de Souza – Setor de Telecomunicação, sim! Aqui, pelo menos, teve diversos setores. Teve oficina mecânica muito boa, no tempo das máquinas vaporosas²⁵. Tinha locomoção. Tinha o pessoal da turma permanente²⁶. Tinha aquela turma de operário de obras, para restauração de prédios, essas coisas. E outras coisas mais.

Keka Simões – No seu setor, o senhor chegou a supervisor auxiliar.

José de Souza – Sim.

Keka Simões – Nessa posição, o senhor era subordinado a quem?

José de Souza – Era subordinado a Três Rios. Engenheiro de Três Rios.

Keka Simões – Ah, ao engenheiro que ficava lá?

²⁴ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

²⁵ Locomotivas movidas a vapor.

²⁶ Via Permanente, setor responsável pela construção e manutenção de vias férreas, de forma a assegurar que elas estejam em perfeito estado.

José de Souza – Três Rios e Campo de Cataguases²⁷. Mas antes, quando era Central do Brasil, era Belo Horizonte.

Keka Simões – Ao engenheiro que ficava em Belo Horizonte?

José de Souza – Belo Horizonte. Nós éramos comandados por Belo Horizonte. Depois passou a...

Keka Simões – Certo. Qual era o número aproximado de funcionários que trabalhavam no seu setor?

José de Souza – Ah, era bastante! Era bastante, porque tinha uma turma em Belo Horizonte, tinha uma turma de Ubá²⁸, tinha uma turma de Ponte Nova...

Keka Simões – Mas essa turma era desse setor...

José de Souza – Era tudo dividido. Tinha Itabirito...

Keka Simões – Aqui, Ouro Preto, Mariana, nesse período que o senhor...

José de Souza – O pessoal trabalhava comigo nesse trecho todo.

Keka Simões – Esses de Ubá, por exemplo, que o senhor falou. Eles também trabalhavam aqui?

José de Souza – Aí já pertenciam a Ponte Nova.

Keka Simões – O senhor lembra, mais ou menos, quantos eram os que trabalhavam aqui?

José de Souza – Eu tenho até o nome deles! Eu recordo o nome deles. Um mais antigo é João Alves Ferreira. Em Ouro Preto, tinha Benjamim²⁹, tinha Antônio Alves. Em Rodrigo Silva³⁰, tinha Benedito³¹. Em Furquim³², tinha [Arlindo]³³. Ponte Nova pertencia para cá também. Tinha outro que se chamava Custódio³⁴. Em Itabirito, tinha outro que se chamava Carlos³⁵. Em Ouro Preto, tinha outro que se chamava Antônio Palheiro. Tinha outro que trabalhou em Ouro Preto e se chamava Joaquim Diniz. Outro, que esteve em Ouro Preto

²⁷ O entrevistado confundiu-se. Provavelmente quis dizer Campos de Goitacazes, município do Rio de Janeiro, por onde passava um trecho da Linha do Litoral, pertencente à antiga Estrada de Ferro Leopoldina e, posteriormente, à Rede Ferroviária Federal S/A. Possuía uma estação ferroviária.

²⁸ Município de Minas Gerais, onde se juntavam a Linha do Centro e a Linha Três Rios – Caratinga, pertencentes à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

²⁹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

³⁰ Distrito de Ouro Preto, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

³¹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

³² Distrito de Mariana, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

³³ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

³⁴ O entrevistado não mencionou o nome completo.

³⁵ O entrevistado não mencionou o nome completo.

também, se chamava... Mas aí de Belo Horizonte, de Itabirito... Vanderli Fernandes, cujo pai inclusive era ferroviário. Tinha outro que era de Belo Horizonte, morava na Abadia, chamava-se Paixão³⁶, mas trabalhava em Ouro Preto.

Keka Simões – Onde ele morava?

José de Souza – Na Abadia, em Belo Horizonte. Parada da Abadia³⁷.

Keka Simões – É aqui, em Mariana?

José de Souza – Em Mariana, o que mais ficou aqui foi só Joãozinho Alves Ferreira, depois eu... Esses já são todos falecidos.

Keka Simões – Existia algum regulamento que devia ser seguido pelos funcionários?

José de Souza – Regulamento como assim?

Keka Simões – De conduta, do que podia fazer e do que não podia. Isso tinha?

José de Souza – A repartição [da gente]³⁸ só não podia se meter em outra, porque tinha outra que mexia. Pelo menos na parte elétrica, já era outra que mexia. Eu já mexi com duas partes: carregamento de bateria e na minha função, guarda-fio.

Keka Simões – O que é carregamento de bateria?

José de Souza – A bateria [inaudível] duas placas de cobre, zinco e cobre. De Belo Horizonte, para nós vinha ácido muriático, um troço lá com que a gente fazia o carregamento, alimentação da bateria, para não perder carga, para sustentar os aparelhos na Estação, no trecho, não é?

Keka Simões – O material vinha de Belo Horizonte, não é?

José de Souza – Vinha de Belo Horizonte para cá.

Keka Simões – Certo. Se algum funcionário não cumprisse com a sua obrigação ou se acontecesse algum problema no setor, tinha algum tipo de penalidade?

José de Souza – Tinha!

Keka Simões – O que acontecia?

³⁶ O entrevistado não mencionou o nome.

³⁷ Até o momento, não foi possível obter informações adicionais sobre o local citado.

³⁸ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

José de Souza – Dava o telegrama para logo acima e fora de serviço. Era punido.

Keka Simões – Era punido? Ficava o quê? Ficava suspenso?

José de Souza – Ficava suspenso e dava o telegrama para a chefia, para o chefe imediato.

Keka Simões – Mandava um telegrama para o chefe imediato.

José de Souza – A pessoa era punida.

Keka Simões – Ela recebia um telegrama?

José de Souza – Quem recebia? Recebia uma cópia. A pessoa que foi...

Keka Simões – Recebia a cópia?

José de Souza – É, uai³⁹!

Keka Simões – O senhor já recebeu alguma penalidade?

José de Souza – Não.

Keka Simões – Os funcionários usavam algum tipo de uniforme?

José de Souza – Tinha uniforme.

Keka Simões – Como era?

José de Souza – Por último é que tinha uniforme.

Keka Simões – No início não tinha?

José de Souza – [inaudível] não tinha, não.

Keka Simões – Quando começou a ter, como era o uniforme?

José de Souza – Quando começou, era um uniforme amarelo. Depois passou para um uniforme azul, fornecido pela Rede⁴⁰, não é?

Keka Simões – Ah, era pela Rede?

José de Souza – Era. Fornecia tudo: capacete... A gente trabalhava nesses túneis também. Nos túneis, toda vida, não tinha iluminação nem nada. Então, nós tínhamos aparelho para trabalhar no túnel, capacete. A gente passava uns cabos assim por dentro do túnel...

Keka Simões – Então tinha esse equipamento de...

José de Souza – Tinha. Para subir no poste era uma espora, porque a gente subia nos postes de ferro, e tinha também um cinturão para segurar. Mas subia com a mão, igual a macaco! [riso]

Keka Simões – Para poder arrumar?

³⁹ Expressão típica do mineiro que indica surpresa, espanto, certeza ou terror.

⁴⁰ Rede Ferroviária Federal S/A.

José de Souza – É.

Keka Simões – Também era a estrada de ferro que fornecia isso? Era a Rede que fornecia?

José de Souza – Fornecia, fornecia.

Keka Simões – Isso era já na época da Rede?

José de Souza – Da Rede.

Keka Simões – Senhor José, como era o espaço físico da Estação? O que tinha aqui?

José de Souza – Era fechado. Ali onde está o virador de máquina⁴¹, existia uma bueira; no lado de lá, era uma cerca. Tempo de trem passageiro, essa coisa... Tinha outra bueira lá, também para pedestre não entrar, não passar nem em cima dos trilhos. E um ficava tomando conta na hora da chegada dos trens. Então, tinha um torniquete⁴² lá dentro da Estação – deve estar guardado por aí ainda. Pisava aqui e tal. Tinha que comprar o bilhete para entrar, para esperar o passageiro chegar. Não deixava entrar também, não.

Keka Simões – Ah, para esperar tinha que comprar uma entrada?

José de Souza – Tinha.

Keka Simões – Para ficar ali na...

José de Souza – Para ficar lá dentro.

Keka Simões – Por quê? Vinha muita gente ficar aí, Senhor José?

José de Souza – Porque a entrada do trem era só do lado de lá. Então, tinha a cerca. Naquele tempo, o pessoal viajava era de trem mesmo.

Keka Simões – O que funcionava no prédio da Estação?

José de Souza – No prédio funcionava ali... Eram dois armazéns: exportação e importação. Ficava um guarda-armazém do lado de lá e outro guarda do lado de cá. Por exemplo, chegava carga para fazer despacho. Um atendia. Quando vinha o trem com outro, de fora para cá, atendia também, guardava no armazém do outro lado ou no outro de lá. E lá por dentro da parte ficava o torniquete, ficava a agência da Estação e ficava a bilheteria do outro lado ali⁴³.

Keka Simões – Quem ficava na agência da Estação?

⁴¹ Localizado à esquerda do prédio da Estação.

⁴² Roleta.

⁴³ À esquerda de quem entra no prédio da Estação

José de Souza – Ficavam o chefe-de-estação⁴⁴ e o secretário dele.

Keka Simões – Em qual lado ficava a agência?

José de Souza – Desse lado, a gente indo daqui para lá, à esquerda.

Keka Simões – À esquerda?

José de Souza – Logo na entrada, à esquerda. E a bilheteria era do lado esquerdo, também na entrada.

Keka Simões – Qual era o horário de funcionamento da Estação? Tinha horário?

José de Souza – Ah, eram 24 horas! Tinha pernoite, não é? Quem trabalhava de dia... À tarde chegava outra turma. Era manobreiro⁴⁵ e agente de pernoite, como se falava.

Keka Simões – Eram os dois funcionários que ficavam à noite?

José de Souza – Ficavam o agente de pernoite e o manobreiro. Hoje se fala manobreiro, mas era guarda-chave. [riso]

Keka Simões – O senhor falou dos armazéns, não é?

José de Souza – Sim.

Keka Simões – Que tipo de mercadoria ou de material chegava a Mariana e ficava nesse armazém? O senhor lembra que tipo de coisa chegava aqui?

José de Souza – Toda mercadoria chegava de trem, todo gênero alimentício chegava por aqui. E na Estação... Primeiramente, vinha carroça para pegar esses trens⁴⁶; depois caminhão passou a vir para pegar também. Mas era isso [inaudível].

Keka Simões – O que mais chegava era gênero alimentício?

José de Souza – Era mais gênero alimentício.

Keka Simões – E o que saía daqui para outros lugares?

José de Souza – Daqui saía muito pouca coisa. Mais chegava.

Keka Simões – Para usar esses armazéns, o senhor sabe se tinha que pagar alguma taxa para deixar estocado?

José de Souza – Tinha a hora para a pessoa pegar a mercadoria, depois era armazenado, não é? Tinha que pagar uma taxa se passasse daquela data.

Keka Simões – Só se passasse, não é?

⁴⁴ Profissional responsável por coordenar todas as atividades realizadas em uma estação ferroviária.

⁴⁵ Profissional responsável por formar as composições de um trem, manobrando os vagões.

⁴⁶ Trens, neste caso, significam mercadorias que chegavam à Estação.

José de Souza – É.

Keka Simões – Esses armazéns tinham um horário para funcionar?

José de Souza – O horário era de oito da manhã às 16. Só não funcionava durante a noite.

Keka Simões – E tinha algum tipo de segurança aqui, na Estação? Alguém fazia a segurança?

José de Souza – Não. Pouco tempo antes de coisa, tinha segurança, mas vinha de fora e trabalhava aí.

Keka Simões – Já no final da Rede?

José de Souza – Isso foi no final. No princípio, não tinha nada disso.

Keka Simões – Quanto às casas de moradia que pertenciam à Estação, o senhor sabe, mais ou menos, quantas existiam aqui em volta, na época em que o senhor trabalhou? Eram essas mesmas que existem ou eram mais casas?

José de Souza – Em frente à Estação tem uma casinha [inaudível] ali. Foi da... Acho que aquilo ainda é da Rede. Do lado de lá, onde está o pessoal da Guarda Municipal, era dormitório. A movimentação era grande! Vinha tripulação de Belo Horizonte e dormia ali: chefe-de-trem⁴⁷, maquinista⁴⁸, esse povo todo dormia ali. A casa ali ao lado era do supervisor que morou ali, a casa da frente. E as três casas, lá na frente, eram do agente-de-estação⁴⁹, chefe da mecânica – moravam três ali – e o mestre-de-linha⁵⁰.

Keka Simões – Só esses funcionários podiam morar ou outros funcionários...

José de Souza – Não, só funcionário da Rede.

Keka Simões – É... Mas o senhor falou chefe da mecânica, agente, chefe-de-estação⁵¹... Outro funcionário, que não fosse chefe, também poderia morar em alguma dessas casas?

José de Souza – Não, só esse pessoal. E, ali embaixo⁵², tem duas ou três casas que eram do pessoal da Via Permanente. Ali só pertencia à Via Permanente, só para os empregados da Via Permanente. Lá embaixo.

Keka Simões – Essas casas eram todas iguais?

⁴⁷ Profissional responsável por coordenar todas as atividades realizadas em um comboio.

⁴⁸ Profissional responsável por operar a locomotiva.

⁴⁹ Profissional responsável pelas atividades relacionadas à venda de passagens.

⁵⁰ Profissional responsável por comandar todas as equipes de um determinado trecho.

⁵¹ A entrevistadora se equivocou, pois o entrevistado mencionou mestre-de-linha.

⁵² Chegando à Estação, no lado direito, sentido Ponte Nova.

José de Souza – Não, todas três não. São iguais, me parece, só duas. A última não é igual, não.

Keka Simões – O senhor já entrou nessas casas?

José de Souza – Não, não. A primeira casa é aquela beira linha. Uma das primeiras era do mestre-de-linha. Eu lembro que um mestre-de-linha que morou ali se chamava Nicanor Arneiro da Cruz.

Keka Simões – Carneiro?

José de Souza – Arneiro da Cruz.

Keka Simões – Arneiro?

José de Souza – Arneiro. Ele já faleceu há alguns anos. O filho dele também faleceu há pouco tempo. Era maquinista aí.

Keka Simões – O senhor sabe se essas pessoas pagavam algum tipo de aluguel para morar nas casas?

José de Souza – Não, não pagavam nada.

Keka Simões – O senhor falou que no dormitório tinha muito movimento...

José de Souza – Tinha.

Keka Simões – Quantos cômodos... Como esse dormitório era por dentro? Era dividido em quartos?

José de Souza – Era quarto, banheiro... Era bem dividido lá. Chuveiro. Tudo bem organizado. Tinha quarto da tripulação de máquina, tinha quarto de chefe-de-trem e outras partes. O dormitório era bem grande.

Keka Simões – Sei. Mas era dividido: chefe-de-trem...

José de Souza – Dividido.

Keka Simões – Pelo tipo de...

José de Souza – Na entrada lá, no corredor tem porta de um lado e do outro.

Keka Simões – Tinha algum regulamento para se usar esse dormitório? Por exemplo, horário para entrar, horário para sair. Tinha alguma coisa assim?

José de Souza – Não tinha, porque era o pessoal que chegava de trem, não é? Como aqui era o destacamento⁵³, o pessoal já ia chegando, passando para outros e esses entravam e [logo, logo]⁵⁴ saíam.

Keka Simões – Quando o senhor saía para fazer seu trabalho, o senhor dormia em dormitório?

⁵³ Grupo de funcionários destacados para atividades em turnos diferentes.

⁵⁴ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

José de Souza – Não, não. Em casa mesmo, porque eu moro aqui perto. Nunca morei em casa...

Keka Simões – Mas o senhor nunca teve um caso de fazer trabalho fora de...

José de Souza – Ah, não! Mas aí já dormia fora, não é?

Keka Simões – Pois é! Aí o senhor dormia em dormitório da Rede ou não?

José de Souza – Em dormitório da Rede.

Keka Simões – Do mesmo modo que os outros dormiam aqui?

José de Souza – Tranquilo. Isso mesmo.

Keka Simões – Tinha roupa de cama ou o senhor tinha...

José de Souza – Não, a gente tinha que carregar. [riso] Não tinha nada disso.

Keka Simões – E os trens, Senhor José, que tipo de trem trafegava neste trecho aqui?

José de Souza – Teve noturno, expresso... O expresso saía de Ponte Nova para Belo Horizonte, direto, e saía de Belo Horizonte direto para Ponte Nova. Expresso saía de Mariana às cinco horas da manhã; onze e pouco, Belo Horizonte. E tinha o misto também. No mais, era trem de carga.

Keka Simões – Qual é a diferença entre o trem expresso e o trem misto?

José de Souza – O trem misto é um trem demorado, pára muito em estação, carga e descarga. O expresso não: tem os minutos para chegar e sair da estação. [riso]

Keka Simões – Entendi. Quais funcionários viajavam nesses trens?

José de Souza – A gente tinha uma carteirinha para viajar e não pagava nada.

Keka Simões – Ah, não pagava?

José de Souza – Não. Qualquer tipo de trem. Fornecia-se carteirinha para a gente. Em qualquer trem a gente viajava.

Keka Simões – A família tinha algum direito a viajar?

José de Souza – Tinha. Tinha com uma porcentagem: 75% de desconto. Era! Tinha que entrar com uma requisição e vinha a requisição. Tinha que pagar com 75% de desconto.

Keka Simões – Certo. Mas na...

José de Souza – Por exemplo, empregado em serviço, igual à gente, tinha carteirinha para...

Keka Simões – Aí não pagava nada?

José de Souza – Mesmo trabalhando, ou fora da coisa, não pagava nada. Quem tinha carteirinha, de acordo com o setor.

Keka Simões – Entendi. Agora, além do maquinista, quem ia nestes trens – no trem de carga, no trem misto e no trem de passageiro?

José de Souza – O maquinista... A senhora quer dizer na diesel, não é? Porque na vaporosa era diferente.

Keka Simões – Uai! O senhor pegou as duas?

José de Souza – ⁵⁵

Keka Simões – Então, me fala de uma e de outra.

José de Souza – A vaporosa era muito importante!

Keka Simões – Pois é. Me fala dela.

José de Souza – A tripulação era três. Mas aí vinha de Lafaiete para Mariana. Eram máquinas pesadas, mesmo! Chamava-se uma de Malé⁵⁶ – eram duas máquinas em uma. E essa que está rodando aí⁵⁷, dizem que está com o nome de Santa Fé⁵⁸. Mas não é a mesma Santa Fé! Então, a tripulação era: maquinista, graxeiro – porque tinha que pôr graxa – e foguista⁵⁹. Só três.

Keka Simões – E na diesel?

José de Souza – Na diesel, eram duas pessoas. E o trem de carga corria... Na diesel, eram duas pessoas. Depois eles puseram também um guarda-freio⁶⁰ – em vez de estar lá em cima da máquina para segurar, ele estava dentro da máquina. [riso] Era o guarda-freio. A tripulação era três.

Keka Simões – No caso de trem de passageiro, tinha algum outro funcionário que percorria os vagões, os carros de passageiro? Porque esse era o pessoal que ficava na máquina, na locomotiva.

José de Souza – Ah, não! Nos carros de passageiros, eram chefe-de-trem e guarda-freio.

Keka Simões – Que iam neles?

José de Souza – É.

Keka Simões – O senhor falou da Malé e da Santa Fé, não é?

José de Souza – Sim.

⁵⁵ O entrevistado faz um gesto afirmativo.

⁵⁶ Nome dado a uma locomotiva movida a vapor.

⁵⁷ Refere-se à locomotiva do Trem da Vale.

⁵⁸ Nome dado a uma locomotiva movida a vapor.

⁵⁹ Profissional responsável por manter o forno das locomotivas à lenha em funcionamento.

⁶⁰ Profissional que vigia os freios dos carros nas linhas das ferrovias.

Keka Simões – São nomes de duas máquinas. Tinha algum outro tipo...

José de Souza – Duas máquinas. São as primeiras, não é? Elas pegavam a lotação toda que vinha de Ponte Nova. Naquele tempo, Ponte Nova tinha sete usinas açucareiras e trazia para aqui. O pé de serra era demais! Acho que daqui para lá sobe 11 ou 12 quilômetros. Essas máquinas arrastavam tudo daqui para Belo Horizonte.

Keka Simões – Só elas que agüentavam o...

José de Souza – Era uai! Não tinha outra! Era um tipo de uma escravidão. Aquilo era uma escravidão. [riso] O negócio era bravo!

Keka Simões – No caso dos vagões de carga, tinha diferença entre eles ou eram todos iguais?

José de Souza – Tinha diferença sim. O transporte de carvão vegetal para as usinas aí para cima – como Esperança⁶¹, depois de Itabirito – era em um vagão aberto. O carregamento aqui... Vinham esses vagões, pegavam nesse trecho todo, vinham daqui para lá. Vagão fechado era só mercadoria. Naquele tempo, também existia transporte de boi, cujo vagão tinha o nome de H. Era tudo transportado...

Keka Simões – H?

José de Souza – De carreira comprida. Ia para a Praia Formosa⁶², descia por aqui, quando chegava lá embaixo a Leopoldina⁶³ pegava e subia. O vagão de boi.

Keka Simões – Ele não era o fechado e nem o...

José de Souza – Não, não. Só tinha gradil, mas de madeira também!

Keka Simões – E os outros eram de...

José de Souza – Fechados.

Keka Simões – Mas o material?

José de Souza – O material era aço, não é?

Keka Simões – E tinha diferença entre os carros de passageiro?

José de Souza – Tudo de madeira!

Keka Simões – E dentro deles...

⁶¹ Usina Esperança, antiga siderurgia localizada em Itabirito.

⁶² Estação ferroviária localizada em um trecho do Ramal da Praia Formosa, pertencente à antiga Estrada de Ferro Leopoldina. Situada no Rio de Janeiro.

⁶³ Estrada de Ferro Leopoldina.

José de Souza – De madeira. E tinha poltrona de coisa lá, mas tinha poltrona de madeira. Poltronas de madeira eram, chamava-se, em carro de segunda⁶⁴. “Ah! Você vai viajar de segunda?” Virava a cadeira assim, por exemplo... Não tinha esse negócio de virar vagão, carro, nem nada. Chegava aqui, viravam-se as cadeiras assim, [inaudível] que sentava aqui, dois aqui. Era assim⁶⁵. E no carro de primeira⁶⁶ já era com uma palhinha, aquele negócio no encosto. Eram dois de primeira, dois de segunda e um carro do Correio⁶⁷ que corria daqui para Belo Horizonte.

Keka Simões – Como era montada essa composição? Vinha a máquina, a locomotiva. Depois que carro vinha? O carro...

José de Souza – Se fosse passageiro, era o carro do Correio.

Keka Simões – Depois vinham os outros?

José de Souza – É. Costumava pôr também um vagão de açúcar ligado à máquina. Depois, então, vinha o carro do Correio. Os correios todos passavam por aqui também. Aí vinham os carros dos passageiros, acompanhando.

Keka Simões – Para montar a composição...

José de Souza – Aproveitava a coisa dela, punha um vagão de açúcar, depois vinha o Correio e os dois carros, dois de segunda e dois de primeira.

Keka Simões – Os dois de segunda à frente?

José de Souza – Os de primeira atrás.

Keka Simões – Por que era assim?

José de Souza – Na cauda. Tem mais preferência o de primeira. [riso]

Keka Simões – Uai! Hoje em dia, a gente pensa assim: o de primeira em primeiro lugar, e lá ele estava em último.

José de Souza – Mas antigamente era assim.

Keka Simões – Por que será?

José de Souza – Pois é.

Keka Simões – A limpeza e a manutenção desses carros, desses vagões eram feitas aqui?

José de Souza – Era o pessoal da Estação que fazia a limpeza, os faxineiros, não é?

⁶⁴ Segunda classe.

⁶⁵ Indica com gestos que as cadeiras podiam ser posicionadas de frente umas das outras.

⁶⁶ Primeira classe.

⁶⁷ Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Keka Simões – A cada estação que chegava [inaudível]?

José de Souza – Chegava e limpava. Se fosse pernoitar, aqueles vagões tinham que ser limpos. Era banheiro, a coisa lá dos passageiros, essas bancadas, tudo. Mas já tinha um pessoal para olhar isso.

Keka Simões – Quais sinais indicavam a chegada e a partida do trem?

José de Souza – O sinal era a coisa mais importante! Ali, onde tem um sinal na entrada da... Em Mariana, lá em cima, era uma bandeira, redonda assim. E cá embaixo, na chave, na saída aqui, tinha uma alavanca com dois arames⁶⁸. Essa alavanca, com dois arames, movimentava o disco da bandeira lá dentro. Ficava um lampião elétrico lá em cima. O sinal dela aqui, [quem]⁶⁹ vem de Ouro Preto, estava fechado. A hora que dava o telégrafo para aqui, o agente-de-estação mandava o [inaudível]: “O trem saiu às tantas horas. Vai chegar aqui. Pode ir lá abrir o sinal”. Ele vinha e fazia isso. O maquinista chegava, ele estava nesse sinal aqui de entrada. Aí o maquinista dava um apito lá na entrada e chegava à Estação.

Keka Simões – Ah! Então ainda tinha um apito?

José de Souza – Tinha um apito.

Keka Simões – O apito do trem.

José de Souza – Tinha o apito, uai! Ele não entrava sem apitar!

Keka Simões – Para sair ele também apitava?

José de Souza – Ah, é! Todo trem, que saía daqui, apitava.

Keka Simões – Esses apitos eram entendidos pelas pessoas que moravam aqui em volta?

José de Souza – Demais! Demais! Pelo menos, quando vinha um trem de Belo Horizonte... Tem um lugar chamado Morro Santo Antônio, na entrada de Passagem de Mariana para cá. De Passagem de Mariana para cá, quando o trem chegava ao Morro Santo Antônio, naquela pirambeira, o maquinista dava o sinal. Na mesma hora, todo mundo, aqui na cidade, já sabia que estava chegando. Em tantos minutos, chegava à Estação.

Keka Simões – O senhor sabe se tinha algum maquinista que apitava de uma forma diferente, e as pessoas sabiam que era ele que estava conduzindo o trem?

⁶⁸ Na saída, em direção contrária a Ouro Preto.

⁶⁹ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

José de Souza – O povo se acostumava com essas coisas. Sabia. Sabia qual era o maquinista que estava vindo, de acordo com o apito. Era a coisa mais interessante! Tudo isso existiu. [riso]

Keka Simões – No caso do trem de carga, ele não tinha um horário fixo, não é isso?

José de Souza – Não, não.

Keka Simões – Como o agente-de-estação sabia que ele ia chegar?

José de Souza – O trem partia pelo menos... De Ponte Nova para Mariana: quando partia de Ponte Nova, a primeira Estação era Cônego Luiz Vieira⁷⁰. Tinha um aparelho Morse. Ponte Nova comunicava por ele e já se estava sabendo que o trem vinha. Na hora da partida, ele falava: “Está partindo às tantas horas”. Às tantas horas, ele ia chegar a Luiz Vieira. E assim por diante. De estação em estação comunicava.

Keka Simões – Certo. O senhor já falou de alguns problemas com a questão da comunicação, não é? Outros tipos de problemas ou de acidentes podiam acontecer com o trem ou com a linha do trem?

José de Souza – Como assim?

Keka Simões – Algum tipo de problema... O trem atrasar ou não poder passar. Tinha alguma coisa que era problema [inaudível]?

José de Souza – Barreira, linha ruim. Em tempo chuvoso [pelo menos]⁷¹, tinha lugar que a linha estava ruim.

Keka Simões – Por que a linha ficava ruim?

José de Souza – Porque, às vezes, era a falta de um rondante⁷² que, pelo menos, passava com um metro, não é? Aí media aquilo tudinho. O rondante passava. Tinha dia em que a temperatura a puxava um pouquinho. Tinha isso também, não é? No nosso trecho aqui, a linha toda vida foi ruim.

Keka Simões – Passava com um metro? Isso eu não entendi.

José de Souza – É o metro com que ele media. Passava por dentro dos trilhos assim, medindo.

Keka Simões – E medindo. Ela podia ter aberto?

⁷⁰ Estação ferroviária localizada em um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Situada em Barro Branco, distrito de Mariana.

⁷¹ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

⁷² Trabalhador que executa a ronda, serviço da Via Permanente, para verificação de ocorrências que ponham em risco a circulação dos trens.

José de Souza – Isto.

Keka Simões – Olha...

Jason Santa Rosa – [inaudível]

Keka Simões – Isso eu nunca... Ninguém nunca falou!

José de Souza – Era um metro de ferro. Colocava aqui... Por exemplo, aqui tem um metro: ele vinha com ele e media aqui dentro⁷³.

Keka Simões – Se não estivesse na medida...

José de Souza – Dava qualquer problema.

Keka Simões – Se ele não comunicasse, dava problema.

José de Souza – Outra hora... Outra coisa também: um descarrilamento. Não só linha ruim como também... Por exemplo, a junta de trilho emenda aqui. O nosso trilho não era soldado, era com [chave]⁷⁴. Mas, às vezes, deixava uma folga aqui no meio. Passava uma pessoa e punha um prego em cima: o trem pulava. Foi o que aconteceu com a gente em Acaiaca⁷⁵. A máquina dupla – dupla quer dizer duas máquinas – partiu de Ponte Nova. Quando chegou à entrada de Acaiaca, jogaram prego na linha. A hora que ele virou no sinal das casas de turma lá... Ele veio, entrou no sinal, pulou. Todas as duas caíram lá.

Keka Simões – O senhor estava nesse trem?

José de Souza – Estava, mas estava como passageiro. E não matou ninguém! [riso]

Keka Simões – Ainda bem, não é? Em alguma época do ano esse tipo de problema ou de acidente ocorria com mais frequência?

José de Souza – Olha, durante esse tempo em que trabalhei, o acidente mais grave que teve foi há vinte e tantos anos, de Ouro Preto para Mariana. O rapazinho, coitado! Novo, chamava-se Guilherme⁷⁶. Ah, já tem uns 30, vinte e tantos anos! É, 25 anos. Dois acidentes! Esse, com o Guilherme, foi a coisa mais... Vinha uma máquina dupla com uma carga muito pesada: chapa de aço, produto siderúrgico de Divinópolis⁷⁷. Chapa de aço para levar para o Rio⁷⁸, passando por aqui; chegava a Ponte Nova, pegava e ia para a Praia Formosa.

⁷³ Indica com um gesto.

⁷⁴ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

⁷⁵ Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

⁷⁶ O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁷⁷ Município de Minas Gerais.

⁷⁸ Rio de Janeiro, capital do estado de mesmo nome, onde se localizava a sede da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil e, posteriormente, da antiga Estrada de Ferro Leopoldina.

Vagão fechado de mercadoria, vagão de cimento⁷⁹. Ela desceu a serra toda. Quando foi chegando – três quilômetros – a um lugar chamado Cascavel, o motor da máquina não resistiu. Não resistiu! Tem vagão até hoje, nesse tal local. Está no meio do mato, porque eles não tiraram. Não resistiu: ela estourou! Não sei qual era a cabeça do rapaz! Ele saiu da máquina. O ajudante falou com ele para que não saísse. O ajudante que estava com ele está aí, comandando... Aquele tal de Gilberto⁸⁰ estava com ele. Esse menino foi de uma coragem danada! “Aonde você vai?” Ele tirou o sapato e subiu em cima do vagão para segurar no freio manual dos vagões. Quando foi chegando... Depois do túnel, descendo, ela já estava disparada e ele lá em cima do vagão. Quando chegou à biquinha d’água, depois do túnel, a mão de amigo de uma máquina... A de trás descarrilou; a da frente fez isto, soltou. Ficou o Gilberto na frente, onde ele estava. Ele pulou lá no meio do mato e o vagão pulou por cima dele. Foi encontrado, dois dias depois. Eu acompanhei tudo aí.

Keka Simões – Como o senhor falou que chama? Mão de amigo?

José de Souza – Mão de amigo. Esses engates chamam-se mão de amigo. E aquilo desarma.

Keka Simões – O senhor falou do rondante, que tinha obrigação de fazer essa inspeção.

José de Souza – Certo.

Keka Simões – Além dessa inspeção, tinha algum outro tipo de inspeção ou vistoria na linha, feita por outras pessoas?

José de Souza – Sempre o mestre-de-linha passava para corrigir, olhar o lugar que estivesse ruim para mandar arrumar. Aí vinha a turma de trole⁸¹, de acordo com a ordem dele. Vinha e melhorava aquele lugar.

Keka Simões – Certo. Em relação aos passageiros, só se pegava passageiro nas estações?

José de Souza – Não. Tinha parada obrigatória.

Keka Simões – O que diferenciava a parada de uma estação? Por que uma era chamada de parada e a outra de estação? Tinha diferença?

José de Souza – Como assim?

⁷⁹ Possivelmente, o entrevistado se confundiu com duas histórias diferentes: uma, do material siderúrgico; outra, dos vagões de cimento, já contada por outros entrevistados.

⁸⁰ Gilberto Bastos Cruz, maquinista da Maria Fumaça do Trem da Vale.

⁸¹ Carro de apoio da ferrovia para conserto e conservação de estradas de ferro.

Keka Simões – O que era parada?

José de Souza – Era uma parada oficial de passageiro.

Keka Simões – Era uma parada oficial. Aí tinha um prediozinho...

José de Souza – Não.

Keka Simões – Não tinha nada?

José de Souza – Não. Prediozinho, nesse trecho aqui, era só perto de Acaiaca: Goiabeira⁸². Lá perto de Ponte Nova também tinha uma parada antiga. Era uma parada oficial, não é? Ali o passageiro embarcava. Vinha o chefe-de-trem, destacava a passagem para onde ele ia descer, e parava lá outra vez. Mas os maquinistas já sabiam. Em toda parada oficial eles paravam.

Keka Simões – Paravam? Mesmo que não tivesse ninguém, eles davam uma paradinha ali?

José de Souza – Ah, tinham que parar! Não tinha ninguém para embarcar, mas tinha, às vezes, para descer.

Keka Simões – Havia algum tipo de comércio dentro do trem?

José de Souza – Não.

Keka Simões – Vender alguma coisa?

José de Souza – Não.

Keka Simões – Passageiro reclamava de alguma coisa? O senhor lembra?

José de Souza – Ah, quando o trem atrasava, ele não aceitava de jeito nenhum!

Keka Simões – Em quais dias da semana e época do ano a Estação aqui tinha mais movimento? Tinha alguma época ou dia especial?

José de Souza – Ah, quando existiam congoneiros⁸³! Era uma coisa louca! Congoneiro viajava até nos carros vazios de vagão de boi! A Estação aqui vendia muito café. A parada aí era oficial maior, e era uma movimentação muito grande! E aqui, geralmente, era ponto também de almoço. Para quem vinha de Belo Horizonte a Ponte Nova, aqui era ponto de almoço: 11 e 40. Parece que era nesse horário.

Keka Simões – Nesse horário de ponto de almoço... A Estação tinha restaurante ou as pessoas saíam e comiam alguma...

⁸² Parada localizada em um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Situada em Acaiaca.

⁸³ Nome dado aos fiéis que, em setembro, se dirigiam ao Jubileu de Nosso Senhor do Bom Jesus do Matozinhos, em Congonhas do Campo, município de Minas Gerais.

José de Souza – Ah! Tinha restaurante perto, fora, não é?

Keka Simões – Tinha, não é? O senhor se lembra de restaurantes, aqui? Além de restaurante, essa região tinha outro tipo de comércio que fosse, mais ou menos, dirigido para esse público da Estação, do tipo hotel?

José de Souza – Aqui pertinho?

Keka Simões – É.

José de Souza – Aqui pertinho tinha uma pensão. Era uma pensão com o nome muito esquisito. Já teve uma pensão ali. E aqui ao lado também teve outra pensão. Só, também. O passageiro chegava... E outra à frente da Prefeitura⁸⁴. Primeiramente, teve aquela em frente à Prefeitura. Até morava lá um agente-de-estação, já falecido: Joaquim Gomes. Ali era uma pensão. E aqui ao lado, depois desse vagão⁸⁵, onde está esse prediozinho, era um... E outra ao lado ali, uma pensãozinha.

Jason Santa Rosa – Vendedor ambulante [inaudível].

Keka Simões – Vendedor ambulante tinha por aqui?

José de Souza – Vendedor ambulante, na hora de trem, sempre aparecia do lado de fora da cerca.

Keka Simões – Do lado de fora da cerca?

José de Souza – O agente não deixava entrar cá dentro, de jeito nenhum!

Keka Simões – Mas eles ficavam e vendiam... Como eles vendiam?

José de Souza – Subiam na cerca e vendiam. O passageiro pedia no trem e eles vendiam. Mas sempre o agente-de-estação mandava o fiscal ir acompanhar; um secretário dele vinha para poder correr e não deixar vender.

Keka Simões – Na hora em que o fiscal vinha, saía todo mundo correndo?

José de Souza – É. Tudo isso.

Keka Simões – O senhor lembra se o trem já trouxe algum visitante ilustre, se teve alguma festa na Estação para receber alguém... O senhor se lembra disso?

José de Souza – Assim, no momento, não.

Keka Simões – E havia alguma festa especial feita pelos ferroviários ou para os ferroviários?

José de Souza – Festa?

⁸⁴ Praça Juscelino Kubitschek.

⁸⁵ Refere-se ao Vagão Oficina de Vídeo e Sala de Histórias.

Keka Simões – É. Alguma comemoração, alguma coisa? Isso tinha?

José de Souza – Antigamente, aqui tinha até uma sede dos ferroviários.

Keka Simões – Ah, é?

José de Souza – Tinha a sede.

Keka Simões – Onde era a sede dos ferroviários?

José de Souza – A sede dos ferroviários era logo depois daquele viaduto ali, em frente, um prédio ali, aquele negócio da... Umas aulas [do Carabina]⁸⁶... Como se chama aquilo? Em frente, era a sede dos ferroviários.

Keka Simões – CETEP⁸⁷, eu acho.

José de Souza – CETEP, não é? CETEP.

Keka Simões – Essa sede dos ferroviários era o quê? Era um clube?

José de Souza – Era clube.

Keka Simões – Era só para os ferroviários?

José de Souza – Era só dos ferroviários. Mas naquele tempo tinha muito ferroviário! A cidade era pequena, não tinha quase nada.

Keka Simões – O que tinha no clube? O que acontecia lá?

José de Souza – Tinha baile, essas coisas. Depois eles fizeram... Eles tinham muita união. Em um Carnaval, eles fizeram até uma máquina vaporosa que saiu pela rua afora, essa coisa toda.

Keka Simões – Agora, não é?

José de Souza – Não! Há tempos...

Keka Simões – Naquela época?

José de Souza – Naquele tempo.

Keka Simões – Porque agora teve uma vaporosa que eles fizeram...

José de Souza – Naquele tempo, os ferroviários eram uma coisa muito importante!

Keka Simões – É mesmo?

José de Souza – Eram.

Keka Simões – Olha só!

Jason Santa Rosa – Foi um bloco?

Keka Simões – Foi um bloco, então, que saiu pela rua?

⁸⁶ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

⁸⁷ Centro Técnico de Ensino Profissional, Rua Mestre Nicanor 119.

José de Souza⁸⁸ – Ali não tem uma igreja católica chamada Igreja do Rosário⁸⁹? Os ferroviários que mandavam ali, uai! Eles faziam o que queriam lá.

Keka Simões – É?

José de Souza – [inaudível].

Jason Santa Rosa – Eles fizeram a Igreja do Rosário?

Keka Simões – Não...

José de Souza – Aquela Igreja do Rosário. Eles tinham uma fé com Santa Efigênia⁹⁰...!

Jason Santa Rosa – Ah! Santa Efigênia era a santa dos ferroviários?

José de Souza – É. Faziam muita festa para ela.

Keka Simões – Os ferroviários faziam?

José de Souza – É.

Keka Simões – O senhor ia a essas festas?

José de Souza – Mas eu era mais novo. Eu não ficava sempre aqui.

Keka Simões – Quando o senhor parou de trabalhar na ferrovia? O senhor lembra?

José de Souza – Em 1985 eu me aposentei, em Três Rios.

Keka Simões – O senhor se aposentou. O senhor já tinha parado de trabalhar ou pegou o final também aqui? O que o senhor sentiu quando a ferrovia foi paralisada?

José de Souza – Depois que eu me aposentei, acho que ela ficou parada 10 anos ou 12 [anos]⁹¹, me parece. Ainda deixei uns colegas também, por aí. Me parece que foram 10 ou 12 anos que ficou parada. Foi uma coisa assim, de repente também, de uma hora para outra.

Keka Simões – Que parou?

José de Souza – É. Mas isso aqui era muito importante! Quando era Central do Brasil era importantíssimo! A gente ia daqui a Ponte Nova, [inaudível] em Ponte Nova tinha um trem para Caratinga⁹². Aí pegava a Leopoldina e ia para Caratinga. Quem vinha de Caratinga, vinha de Ponte Nova, vinha para o lado

⁸⁸ O entrevistado não respondeu à pergunta.

⁸⁹ Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, localizada no bairro de mesmo nome, em Mariana.

⁹⁰ No dia 21 de setembro, comemora-se a Festa de Santa Efigênia.

⁹¹ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

⁹² Município de Minas Gerais, por onde passava um trecho da Linha de Caratinga, pertencente à antiga Estrada de Ferro Leopoldina. Possuía uma estação ferroviária.

de cá, de Belo Horizonte. Outros iam e pegavam a linha do Rio, subiam para o Rio, Praia Formosa, lá por Ponte Nova. A movimentação era boa!

Keka Simões – O trem deixou saudade, Senhor José?

José de Souza – O negócio é o seguinte. Eu, pelo menos, me aposentei, não deixei inimigo, deixei só amigo. Todos eles, que são vivos, ainda me procuram e eu também os procuro onde moram. E não posso me queixar, porque criei a minha família toda aqui mesmo.

Keka Simões – Quer perguntar alguma coisa? Não?⁹³ Eder, alguma coisa?⁹⁴ Senhor José, o senhor gostaria de contar para a gente outra coisa a respeito da Estação? Algum caso com o senhor, com seus colegas?

José de Souza – Não, é só isso mesmo.

Keka Simões – Ou que eu não tenha perguntado e que o senhor acha importante?

José de Souza – Não. As perguntas que você perguntou estão certas. É isso mesmo.

Keka Simões – É isso mesmo?

Jason Santa Rosa – O que o senhor achou da volta do trem?

José de Souza – Ótimo! Ótimo! O pessoal da cidade, pelo menos, aplaudiu demais! Gostaram.

Keka Simões – Que bom! E o que o senhor achou de ter vindo conversar com a gente um pouquinho, dar seu depoimento aqui?

José de Souza – Como assim?

Keka Simões – O senhor gostou? Não gostou?

José de Souza – Foi bom, foi bom. Inclusive, há 10 dias ou oito, me parece, quando ele esteve lá em casa, me procurou, nós estivemos conversando. O Eder, não é? Eu me prontifiquei a vir aqui e fiquei muito satisfeito com suas presenças. E as perguntas que eu pude responder foram essas.

Keka Simões – Então está bom, Senhor José. Em nome do Trem da Vale, eu gostaria de agradecer a entrevista. Seu depoimento vai ser muito importante, pois é um setor sobre o qual nós ainda não tínhamos nenhuma...

José de Souza – As respostas não foram muito boas, mas foi [inaudível].

Keka Simões – Foi muito bom! Muito obrigada.

⁹³ A entrevistadora dirige-se ao supervisor Jason Barroso Santa Rosa.

⁹⁴ O monitor indica com um gesto que não tem perguntas.

Jason Santa Rosa – Foi ótimo!

José de Souza – Tudo bem, gente.

Keka Simões – Nós não pegamos nenhum dessa área. O senhor é o primeiro.

Jason Santa Rosa – É. Eu não conhecia...

[Término da entrevista]